

O RISCO ONCOLÓGICO E A HISTÓRIA DA SAÚDE NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

O CASO PORTUGUÊS NO CONTEXTO MUNDIAL (1889-1939) [PARTE I]

Rui Manuel Pinto Costa

Enfermeiro do STMO (Serviço de Transplante de Medula Óssea), IPOFG Porto
Investigador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar: Cultura, Espaço, Memória

Desde finais do século XIX que a doença oncológica começou a assumir um lugar de progressivo destaque nas políticas de saúde pública das sociedades ocidentais. O discurso médico assente no emergente risco oncológico formatou o movimento mundial que mais tarde viria a ser englobado pela designação genérica de “luta contra o cancro”. Através de uma breve análise histórica, é possível detectar os ecos que o “risco do cancro” teve em Portugal, e de que modo se fizeram sentir.

PALAVRAS-CHAVE: história; cancro; teorias; risco oncológico.

Since the end of the 19th century that cancer started to assume a gradual prominence in the western world's public health policies. The emerging “risk of cancer”, introduced by the medical speech, formatted a world-wide movement, later known as the “fight against cancer”. Through a brief historical analysis, it is possible to detect the echoes that the “risk of cancer” had in Portugal, and in what way it was felt.

KEYWORDS: history; cancer; theories; cancer risk.

Pensar a oncologia enquanto objecto de investigação histórica, analisar o modo como foi compreendida, exercida e disseminada, requer necessariamente a compreensão do pensamento sanitário enquanto saber cientificamente elaborado. O estudo de representações sociais pressupõe não só uma análise do contexto em que são criadas, bem como da formação do mesmo, uma vez que as representações se constroem através de uma realidade pré-existente.

Por antigo que fosse o seu conhecimento, o cancro não partilhava as características das doenças contagiosas: não se manifestava como uma epidemia, não aparecia directamente ligada a nenhum ilícito moral ou de comportamento, incidindo sobretudo sobre a po-

pulação adulta mais idosa, se bem que se sabia que podia sobreviver em qualquer idade e/ou condição social.

Pelo menos até finais do século XIX estava ausente das preocupações sanitárias dominantes na mente das populações, bem longe do peso que as epidemias tradicionalmente ocupavam no imaginário social de então.

Contudo, a partir de meados desse século, a apreensão relativa à aparente progressão do cancro foi reforçada por um conjunto de novos dados estatísticos que faziam pensar que a taxa de mortalidade pela doença estava a aumentar nas nações ditas civilizadas. Restava saber se este aumento seria a tradução viva de uma realidade patológica em expansão, ou devido apenas a um diagnóstico mais preciso.